

Q OBJETO CINTILANTE: HISTÓRIA SULFÚREA

AMOSTRA

ANDRÉ TIMM



Rio de Janeiro, 2024

q Parte I

ESGUICHO

“

A morte nas chamas é a menos solitária das mortes. É, verdadeiramente, uma morte cósmica, onde todo um universo se aniquila com o pensador. A fogueira é um companheiro de evolução.

”

Gaston Bachelard





O HOMEM TRANSPIRA AOS BORBOTÕES. Ondas de calor, fôgachos, sudoreses noturnas, agora e antes. Dentro do homem, uma estação completamente diferente daquela do lado de fora do carro. Fora: o mato congelado pela geada, o silêncio dos bichos entocados, a ausência dos insetos em torno das lâmpadas dos postes, a paleta desbotada do inverno e o ar gelado que queima quando entra. Dentro: os vidros embaçados do medo que o homem expira, o medo do homem ao ler a mensagem que acaba de chegar, medo do segundo pior cenário possível, fora descobrir que a própria filha está morta. O carro tem sensores. Sensores fotoelétricos, sensores *slot* e cortinas de detecção de peças, sensores ultrassônicos, de pedestre, de ponto cego, de obstáculos, de mudança involuntária de faixa. O homem não tem sensores. Se tivesse, todas as luzes de alerta estariam acesas, todos os bipes, as mensagens intermitentes que piscam e anunciam o perigo iminente, a falha, o ponto de ruptura. Mas o homem tem nome. Se chama Dante. É pai de Antônia, que, segundo a mensagem, foi sequestrada. Mensagem que explodiu na tela do celular, que também é

todo sensores. A notificação do WhatsApp quebra o breu do interior do carro, que por alguns instantes se converte num fulgor neon iluminando o rosto surpreso de Dante. Então Antônia não havia se matado. Então Antônia não havia resolvido desaparecer, nem estava simplesmente os ignorando. Nenhuma das hipóteses que ele e Alice, sua mulher, haviam cogitado acerca do desaparecimento de Antônia eram reais, o que não tornava as coisas menos trágicas. Sequestrada? A mensagem de áudio dizia numa toada agressiva que Antônia seria devolvida mediante o pagamento de 50 mil reais. O relógio de Dante mostra o pulso acelerar. O coração trepida, e na próxima mensagem de áudio, uma mulher grita desesperada por socorro, apelando que o pai venha salvá-la logo, pois a estão machucando. Se Dante tivesse sensores, poderia identificar se aquela era mesmo a voz de Antônia. Mas e a polícia? É para isso que a polícia serve, certo? Ir com a polícia, fazer com que a polícia garanta que ninguém seja morto, exceto os bandidos. Acionar a polícia, pagar a polícia. Mas e se os bandidos tiverem sensores, equipamentos capazes de identificar quem chega, inclusive a polícia? E logo Dante soa presciente, porque a próxima mensagem diz que ao mínimo sinal de polícia, a filha morre na hora, e morrer não seria o pior que aconteceria com ela. Cinquenta mil até meia-noite. Mas Dante ainda tem alguma esperança, liga para o celular de Antônia, que está desligado, assim

como esteve nas últimas 24 horas. Então Dante liga para Alice, na esperança de que Antônia, nesse meio-tempo, tenha ligado ou aparecido em casa, mas não. “Cinquenta mil até meia-noite nessa localização que eu vou te mandar. É bom vir logo”, diz a pessoa do outro lado da tela. Sequestrada? A mesma Antônia que brincava de se enfiar por baixo da camisa dele, a mesma Antônia que gostava de dar sustos na mãe, a mesma Antônia que preferiu contar a ele, antes, a primeira menstruação, o primeiro beijo. A mesma Antônia que nos últimos anos parecia cada vez menos Antônia. Cinquenta mil até meia-noite. A seta do GPS no celular apontava um destino incerto e, para Dante, restava arriscar e descobrir se, de fato, aquilo que estava a pouco mais de trinta quilômetros dali era sua filha ou qualquer outra coisa que não fosse Antônia.



A PAISAGEM PASSANDO VELOZ PELAS JANELAS DO CARRO competia com as lembranças correndo em disparada pela cabeça de Dante. Memórias represadas tentando acompanhar uma cidade que, para ele, àquela hora, era frenética, apesar de sonolenta para a maioria, porque o tempo é relativo, ao contrário do medo, que, naqueles termos e naquele contexto, era absoluto. Assim, trilhar esse itinerário era se mover sob um emaranhado de sonhos, delírios e aflições pairando logo acima dos telhados, que, por sua vez, flutuavam sobre milhares e milhares de cabeças que produzem isso a que se chama inconsciente coletivo, que se mistura de um jeito quase indecifrável e em boa parte indistinguível disso que se chama internet, tornando extremamente complexo identificar onde começa um e termina a outra. Fronteiras muito mais indistintas do que os caminhos bem delimitados que o GPS mostrava no aplicativo de mapas. A seta branca perfeitamente acomodada entre os traçados destacados em azul, caminhos que um desconhecido, que há apenas uma hora nunca havia cruzado a vida de Dante, agora dizia levarem à Antônia.

Um trajeto agora interrompido diante de uma única rua cuja entrada estava impedida por um carro atravessado. Uma rua que, devido a sua conformação estreita, permitia a passagem de apenas um veículo por vez. Dante parou o automóvel lentamente, mantendo o motor ligado e os faróis acesos. Olhou ao redor, na expectativa de que alguém surgisse, porque em determinados momentos parecia que o faixa de luz de seu carro cruzava com o branco dos olhos de alguém escondido entre a arquitetura confusa daquela outra cidade que se desenhava a sua frente, apesar de ser a mesma. À sua esquerda, a luz de um poste parecia prestes a queimar, intermitente de uma maneira que quase soava como um alerta. À sua direita, bem próximo dali, uma torre de transmissão se somava à paisagem, construída na região devido àquele ser um dos pontos mais altos da cidade. Dante sempre achou curioso como Antônio não tinha medo algum de altura, ao contrário dele. Uma disparidade perfeitamente ilustrada durante uma viagem ao Uruguai, quando, em dado momento, acharam que seria divertido subir até o alto do farol de Cabo Polonio, uma importante construção na região e que à época já existia havia cerca de 130 anos. Diziam os locais que, antes de o farol existir, eram recorrentes os naufrágios devido à perigosa geografia do lugar, e também à fama de águas amaldiçoadas e repletas de armadilhas, temidas por capitães e piratas acostumados a navegar por ali com

bússolas que se perdiam e giravam sem rumo, como que assombradas. O fato, no entanto, foi que, enquanto Antônia, com seus 10 anos, subiu com completa desenvoltura os degraus da escada em caracol e passou pela minúscula porta, circundando o farol através da pequena murada externa no topo, junto a outros turistas e acenando para Alice, que havia ficado lá embaixo, Dante parou ligeiramente recuado da saída, abaixando-se e apoiando as costas contra a parede, buscando algum conforto temporário a partir de algo que lhe mostrasse que mesmo àquela altura, estava seguro. Entretanto, ali, diante dos olhos ocultos que o perscrutavam, sentia-se sem chão também. E mesmo esperando que alguém chegasse a qualquer momento, não foi sem surpresa que viu três homens surgirem de trás das construções a sua frente, carregando fuzis apontados em sua direção. Se houvesse um último momento, a derradeira oportunidade de fuga, seria esse. Depois, não haveria mais volta. Uma marcha a ré rápida, com sorte, o tiraria vivo daquele lugar, mas a que preço? Apostar na possibilidade do golpe e fugir ou correr o risco de carregar para sempre na consciência a morte da filha? Qual seria sua contribuição com o inconsciente coletivo? Libertação e alívio ou covardia e penitência? Os homens avançavam em sua direção, as armas empunhadas, gritando para que ele desligasse o carro. Um de cada lado e outro exatamente a sua frente, com movimentos e ameaças cada vez mais

hostis, até chegarem a uma distância em que a fuga ficou num lugar sem volta. Enquanto dois sustentavam as miras na direção de sua cabeça, o terceiro ameaçava quebrar a janela do motorista com a coronha do fuzil. Dante desligou o carro, abaixou o vidro e levantou as mãos, submisso, com toda sua atenção voltada para a explicação que precisava dar aos três, que o questionavam sem parar sobre o que viera fazer ali. Dante apontou para o celular. Retirou-o devagar do suporte no painel, mostrando as mensagens e a localização. Os homens então se afastam do carro e conversam entre si, sem nunca perderem Dante de vista. Um deles saca um celular do bolso, conversa brevemente com um interlocutor, que pode estar a metros ou milhares de quilômetros dali, e faz sinal para que Dante avance, enquanto outro deles retira o carro-barricada, abrindo passagem para o destino de Dante a partir daquele ponto. Antes de prosseguir, ele olha para o céu, o qual esperava que nesse ponto da cidade fosse mais límpido e brilhante, sem a rivalidade com as luzes mais intensas do miolo da cidade. O que encontra, porém, é uma maçaroca de fios, cabos de alta-tensão, de internet, telefonia, transformadores e conectores de toda sorte que embaraçam sua vista. Um enovelado tão confuso e revolto quanto seus pensamentos naquele instante. Depois, deu partida no carro e avançou abismo adentro.



A DIANTEIRA DO CARRO DE DANTE RASGOU O VÉU que parecia separar as duas partes da cidade, permitindo que avançasse comunidade adentro. Dante então se deparou com uma paisagem que parecia desdenhar da arquitetura e engenharia convencionais, desafiando os conceitos mais elementares dessas ciências e, aparentemente, a própria física. Um agrupamento de construções cuja unidade era a ausência de unidade. Heterogeneidade em sua forma mais radical. Casas, sobrados e estabelecimentos comerciais dispostos ao longo de uma organização labiríntica de ruas, becos, vielas e escadarias descendentes. Um espaço que pulsava com vida própria, plasmando um tipo de sensação que em nada se parecia com aquela que ele encontrava nos demais espaços da cidade que ele ou Alice costumavam frequentar. Porém, mesmo diante desse arrebatamento estético, foram os sabores e cheiros que pairavam no ar que lhe sequestraram a atenção. Era possível não somente farejar a pólvora, como senti-la na ponta da língua por meio do gosto metálico que deixava na boca. Uma composição de elementos com a qual Dante

estava familiarizado e com que conviveu não apenas durante toda sua vida adulta, mas também ao longo de boa parte da infância, em visitas regulares à fábrica de fogos de artifício que seu pai fundou e que, depois de sua morte, o próprio Dante assumiu e transformou em uma empresa de espetáculos pirotécnicos orientada a eventos de todos os tipos. Para um leigo, aqueles vestígios recentes poderiam fazer soar como um lugar onde há pouco teria se deflagrado algum conflito bélico, afinal, os tiroteios eram comuns na região, entre os próprios traficantes e entre estes e a polícia. Mas a explosão que logo se sucedeu apenas confirmou a constatação de Dante, com o céu se iluminando por alguns segundos e o impacto sonoro sulcando o ar, vibrando ao redor e ao longe, um processo perfeitamente fiel à regra dos estágios de queima de fogos de artifício, sendo eles o esguicho, o assovio e, por fim, a explosão, motivo pelo qual os chineses teriam inventado os fogos, usando-os como bombinhas para espantar maus espíritos. Nesse entremeio, o clarão momentâneo permitiu que Dante vislumbrasse ainda mais detalhes do lugar que o circundava, o que também o colocou em alerta, pois suspeitava de que aquele talvez fosse algum tipo de aviso que pudesse ter relação com ele. Sabia que aquela era uma forma de comunicação para indicar que a polícia havia chegado ou que estava por perto. Ou mesmo que uma nova leva de drogas acabara de chegar. De toda forma,

naquele momento, a explosão foi também o estopim de uma ação em que os homens que haviam permitido que entrasse na comunidade, agora de forma violenta, faziam com que saísse do carro, sob uma severa coerção a base de chutes e coronhadas na cabeça e em outras partes do corpo. À medida que ordenavam que Dante começasse a seguir em frente, se embrenhando cada vez mais naqueles arrabaldes, pressionavam suas costas com a ponta dos fuzis, impondo o ritmo que desejavam. E enquanto desciam, outra explosão marcou a noite, lançando a flor de fogo dezenas de metros de altura acima de suas cabeças e na linha do horizonte, fazendo com que Dante não pudesse ignorar a ironia de que, possivelmente, aqueles fogos tivessem vindo de sua empresa, já que era a única da região. E a cada coronhada, ou a cada vez que o cano de um fuzil espetava suas costas, lembrava-se da austeridade do pai, militar antes de empresário e, como tal, severo no que dizia respeito aos assuntos da empresa, mas também à educação de Dante. O espetáculo dos fogos, justamente naquele momento, fazia com que trilhar aquele percurso de destino incerto emulasse o ritmo dos sonhos, diáfanos, translúcidos e descolados da realidade. Um tipo único de beleza que só se fazia possível às custas de rigorosos processos adotados dentro da fábrica, em que, por exemplo, não era permitido pentear os cabelos, tampouco bater os pés, simplesmente para evitar a estática, que poderia levar

tudo pelos ares. Ou, ainda, a lâmina d'água que se estendia ao longo de todo o piso do pavilhão e cuja finalidade era evitar explosões decorrentes do contato entre os elementos envolvidos nas reações químicas. Um protocolo que fazia com que fosse necessário que os operários calçassem botas de borracha que iam até a altura dos joelhos, para que não tivessem contato direto com a água carregada de resíduos químicos. A jornada em declive, e ocasionalmente espiral, nauseava Dante, que se surpreendeu com a terceira explosão, fazendo com que virasse a cabeça e olhasse para trás, encarando seus algozes. Um movimento que o levou a ser atingido em cheio no rosto pelo impacto da coronhada e cujo apagão inevitável substituiu a profusão de cores que se desmanchava no ar e refletia numa grande poça d'água entre o asfalto e a calçada. Se não estivesse caído e desacordado, Dante provavelmente teria lembrado aquilo que seu pai havia lhe ensinado sobre rios e lagos serem escolhas recorrentes para a queima de fogos. Graças a seu reflexo, o brilho resultante das explosões dobrava em intensidade, algo que guardava certa relação até mesmo com o temperamento do pai, que às vezes também explodia.